

A EXPERIÊNCIA DA ESCRITA DE SI EM DIÁRIOS NARRATIVOS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES QUE ENSINARÃO MATEMÁTICA

The Experience of Writing the Self in Narrative Journals in the Initial Training of Future Mathematics Teachers

Felipe da Costa Negrão¹

Cinara Calvi Anic²

Resumo: Este artigo objetiva compreender como a escrita de si, mobilizada em um componente curricular de um curso de Pedagogia de uma universidade pública, constitui-se como dispositivo formativo na formação inicial de professores que ensinarão matemática. De natureza qualitativa, ancorado na pesquisa narrativa, o estudo pauta-se na análise de narrativas produzidas por futuras professoras a partir da elaboração de diários orientados por questões reflexivas sobre suas trajetórias com a matemática. A interpretação dessas experiências ocorreu por meio de tematizações, construídas a partir de uma leitura sensível e compreensiva das histórias de vida-formação das participantes. Os resultados indicam que a escrita de si instaura um espaço de dignificação da experiência, no qual emergem a revisitação de marcas da escolarização, a problematização ética do narrar e a articulação entre passado, presente e futuro na constituição da docência. Tais movimentos evidenciam a potência do diário narrativo como dispositivo formativo, ao favorecer processos de reflexividade e produção de sentidos sobre o ensinar matemática em contextos formativos frequentemente marcados por uma racionalidade técnica.

Palavras-chave: Escrita de si. Educação Matemática. Formação de Professores. Reflexividade.

Abstract: This article aims to understand how self-writing, mobilized within a course component of a Pedagogy program at a public university, constitutes itself as a formative device in the initial education of teachers who will teach mathematics. Qualitative in nature and grounded in narrative research, the study is based on the analysis of narratives produced by pre-service teachers through the development of diaries guided by reflective questions about their trajectories with mathematics. The interpretation of these experiences was conducted through thematic constructions, developed from a sensitive and comprehensive reading of the participants' life-formation stories. The results indicate that self-writing establishes a space for the dignification of experience, in which the revisiting of schooling marks, the ethical problematization of narrating, and the articulation between past, present, and future in the constitution of teaching emerge. These movements highlight the potential of the narrative diary

¹ Doutorando em Ensino Tecnológico pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6840-6670>. E-mail: felipenegrao@ufam.edu.br.

² Doutora em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1580-2271>. E-mail: cinara.anic@ifam.edu.br.

as a formative device, as it fosters processes of reflexivity and the production of meaning about teaching mathematics in educational contexts often marked by a technical rationality.

Keywords: Writing of the self. Mathematics Education. Teacher Education. Reflexivity.

1 Introdução

É expressivo o coletivo de pesquisadores que adotam abordagens (auto)biográficas e/ou narrativas na pesquisa em Educação, particularmente no campo da Formação de Professores, em razão das possibilidades que tais perspectivas oferecem para a compreensão dos sujeitos em sua complexidade. Inseridos em contextos diversos, esses sujeitos produzem sentidos plurais sobre o ser professor e sobre os processos que atravessam o desenvolvimento profissional docente (Aimi; Monteiro, 2020). Nesse cenário, as abordagens supracitadas tensionam tradições investigativas que, por muito tempo, sustentaram a ideia de neutralidade científica, contribuindo para o apagamento do sujeito de “carne e osso” (Passeggi; Souza, 2017, p. 11). Em contraposição, ao tomarem a experiência como eixo central da investigação, as pesquisas (auto)biográficas e narrativas dignificam as trajetórias vividas e as reivindicam como fonte legítima de produção de conhecimento.

As histórias narradas podem emergir a partir de dispositivos, como cartas, conversas, entrevistas, memoriais e diários, os quais, quando assumidos de modo intencional com professores em formação, deslocam o foco da transmissão de conceitos para a concepção de formação como experiência encarnada. No que se refere às narrativas escritas, foco deste estudo, vislumbra-se, nesse ato, a abertura para “potencializar uma política de escrita em processos formativos e investigativos” (Pezzato; Prado, 2024, p. 180), na qual aquele que se narra, no âmbito da formação docente, encontra condições para exercer maior autonomia sobre seu processo formativo e forjar modos de atuação professoral mais reflexivos. Tal discernimento pode repercutir na prática pedagógica futura, ao contribuir para a formação de professores que incentivem seus alunos a se reconhecerem como autores e atores de suas próprias histórias (Morais; Nascimento; Lima, 2020; Moraes; Lima, 2020).

Escrever-se é um meio de refletir por escrito, apontado na literatura como um dos caminhos mais exitosos para o conhecimento de si, ao possibilitar que o sujeito assuma a autoria de sua própria trajetória e se descubra como protagonista de sua formação, seja na esfera inicial ou continuada (Soligo; Nogueira, 2016). Nesse horizonte, a reflexividade é entendida como uma prática de relação consigo, que se desenvolve a partir de experiências que convocam o sujeito a voltar-se para si mesmo. Esse voltar-se, no entanto, não se dá de maneira isolada ou puramente individual, mas é impactado pelas condições, pelas circunstâncias e pelas vivências que marcam a vida do sujeito, incidindo diretamente sobre os modos como ele interpreta e atribui sentidos ao que vive (Pérez-Gómez, 1997; Alarcão, 1996).

Em nossos estudos, o convite à reflexividade por meio da escrita de si orienta-se pelas experiências com a matemática de futuros professores polivalentes, cuja formação em Pedagogia lhes confere habilitação para a docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Negrão; Gonzaga; Azevedo; Anic, 2023). Ao longo dessa formação, esses sujeitos entram em contato com componentes curriculares e práticas pedagógicas que buscam aproximá-los dos desafios e das demandas escolares que irão vivenciar profissionalmente. Todavia, é recorrente que, quando se trata da matemática, essa aproximação ocorra sob a égide do que a literatura denomina racionalidade técnica, ancorada em uma lógica instrumental, voltada à resolução de problemas mediante a adoção estrita de métodos e técnicas,

desconsiderando que a realidade educativa e seus dilemas não se esgotam no uso de soluções padronizadas, taxonômicas ou processuais (Pérez-Gómez, 1997).

À luz dessas considerações, atestamos que a reflexividade acerca das experiências com a matemática permanece, em muitos casos, à margem da formação docente, e defendemos que dar visibilidade a essas histórias de vida-formação é fundamental para a formação de professores reflexivos que ensinarão matemática.

Partindo da premissa de que a escrita de si pode integrar a formação ao viabilizar que o sujeito conheça a si mesmo, reflita e desenvolva modos outros de interpretar o experienciado (Chaves, 2018), elencamos o diário narrativo como um dispositivo delineado para a formação de professores que ensinarão matemática. Tal proposição deriva de estudos sobre diários de aula (Zabalza, 2004), sobre seu uso na formação inicial (Paniz; Freitas, 2011) e em investigações no campo da Educação Matemática (Silva, 2018), em diálogo com a pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2011).

O diário narrativo, assim concebido, reúne orientações para uma escrita de si que convida o professorando a tecer narrativas entretempos acerca de suas experiências escolares com a matemática, evocando crenças, episódios e referências docentes que o marcaram. Além disso, propõe a feitura de uma escrita (auto)biográfica sobre o encontro com a Educação Matemática no curso de Pedagogia, momento em que o graduando se depara com a possibilidade de atuar com o ensino dessa área, até então pouco explicitada em sua formação. Por fim, em um movimento de projeção inventiva, o discente é instigado a elaborar uma narrativa de caráter prospectivo, na qual expõe expectativas e receios em relação à docência, como se já estivesse no ofício, esboçando uma escrita ficcional densamente carregada de sentidos.

A experiência de escrita de si com o diário narrativo ocorreu no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), especificamente no componente curricular de Conteúdo e Metodologia do Ensino de Matemática. Essa experiência integra uma pesquisa de doutoramento que investiga, entre outros aspectos, a escrita de si como dispositivo de (trans)formação. Diante disso, o diário narrativo foi proposto em contraposição à lógica da racionalidade técnica, buscando abrir espaço para práticas pedagógicas que valorizem a experiência dos sujeitos em formação.

O objetivo deste artigo é, portanto, compreender como a escrita de si, mobilizada por meio de diários narrativos, constitui-se como dispositivo formativo na formação inicial de professores que ensinarão matemática. Sua organização contempla esta introdução, uma seção metodológica que apresenta os procedimentos éticos e investigativos adotados e, em seguida, as tematizações emergentes da leitura sensível e analítica das narrativas dos participantes, em interlocução com a literatura especializada. Por fim, o texto se encerra com considerações que reúnem reflexões acerca da pesquisa, suas limitações e apontamentos para novos desdobramentos.

2 Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa insere-se em uma abordagem qualitativa, assente na valorização das experiências dos sujeitos e no entendimento de que o conhecimento se efetua nas relações estabelecidas com o mundo e com os outros (Flick, 2009; Eulálio; Santos, 2025). Nessa direção, o estudo fundamenta-se na pesquisa narrativa, na vertente teórica de Clandinin e Connelly (2011), posteriormente aprofundada por Clandinin (2013), compreendida como uma corrente

investigativa que toma as experiências humanas como alicerce e as reconhece como fontes de conhecimento.

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de doutoramento realizada com dez estudantes matriculados no componente curricular Conteúdo e Metodologia do Ensino de Matemática, do curso de Pedagogia da UFAM. Neste artigo, o primeiro autor atuou como docente da disciplina, organizando-a em consonância com os pressupostos da pesquisa narrativa, o que implicou a condução das aulas com ênfase na reflexividade e na partilha de experiências.

Para a composição dos dados, adotamos o diário narrativo, anteriormente apresentado como dispositivo que convida discentes de Pedagogia à elaboração de narrativas sobre suas experiências com a matemática. De modo intencional, foram disponibilizadas orientações para a escrita, bem como esclarecimentos acerca do uso de narrativas (auto)biográficas na formação de professores (Negrão; Anic, 2024; Negrão, 2024; Moraes; Nascimento; Lima, 2020). Esses diários foram produzidos fora da sala de aula, considerando que demandavam tempo e condições favoráveis à reflexão, à rememoração e à escrita de si. Em datas previamente combinadas, os discentes socializavam voluntariamente suas produções em encontros denominados ateliês de escuta de si e do(s) outro(s), transformando a sala de aula em um espaço de confluência de experiências e escuta sensível.

Além das narrativas sobre suas trajetórias com a matemática, os discentes registraram percepções acerca do processo de escrita do diário narrativo, mencionando dificuldades, resistências e aprendizagens vivenciadas com a atividade. Esses registros escritos foram posteriormente retomados em conversas narrativas realizadas em outro momento da formação inicial, quando os participantes cursavam o Estágio Supervisionado II, voltado aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nessa ocasião, revisitaram a experiência de escrita do diário a partir de um posicionamento temporal distinto, atravessado pelas vivências construídas durante o percurso formativo.

Desse modo, constituíram os textos de campo desta investigação: (a) trechos dos diários narrativos que continham reflexões sobre a escrita de si e (b) excertos das transcrições das conversas narrativas desenvolvidas posteriormente. Esses materiais foram considerados de maneira articulada no processo analítico, possibilitando acompanhar deslocamentos e processos de ressignificação produzidos pelos participantes em relação à experiência de escrita narrativa na formação inicial.

Para a composição deste artigo, selecionamos três participantes — Flávia, Maria Alexandre e Poliane — em razão da singularidade de suas experiências com a escrita de si. A manutenção dos nomes próprios decorre de uma escolha ético-metodológica acordada com as participantes e sustentada por autorização expressa ao longo de toda a pesquisa. Souza (2006) assinala que o uso da identidade verdadeira em pesquisas narrativas demanda relações de confiança e cuidados éticos contínuos. Por essa razão, o consentimento acerca da identificação foi retomado em cada encontro de cocomposição. Na pesquisa narrativa, a cocomposição refere-se à participação dos sujeitos por meio da socialização e validação das interpretações atribuídas às experiências narradas, em um movimento que se distancia da lógica da neutralidade e assume o caráter colaborativo da produção dos sentidos nos textos de pesquisa (Clandinin, 2013).

No que se refere aos aspectos éticos, o estudo atende aos protocolos estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), com aprovação sob o parecer nº 6.029.859.

Por último, a análise desse conjunto de narrativas fundamentou-se nos pressupostos da pesquisa narrativa, que prioriza a singularidade das experiências e não visa à generalização nem à produção de categorias universais (Riessman, 1993). Para a organização e interpretação dos dados, recorremos à feitura de tematizações, conforme proposto por Clandinin e Connelly (2011), desenvolvidas a partir de leituras atentas, sensíveis e empáticas dos relatos escritos. A análise centrou-se nas particularidades das experiências narradas, possibilitando a tecitura de tramas que clarificam os modos pelos quais as participantes significam a escrita de si na formação inicial de professores que ensinarão matemática.

3 Resultados e discussão

Na tarefa de compreender como a escrita de si, mobilizada por meio de diários narrativos, constitui-se como dispositivo formativo na formação inicial de professores que ensinarão matemática, as narrativas de Flávia, Poliane e Maria Alexandre, lidas e relidas em sua singularidade, esboçam tramas que evidenciam que a escrita de si não se restringe ao registro de vivências, mas se institui como espaço de atribuição de sentidos e de constituição de referências para o ensinar matemática.

3.1 Entre marcas da escolarização e a construção de uma ética da docência

A infância de Flávia foi marcada pela experiência da educação integral, que fazia da escola um espaço central em sua rotina cotidiana, enquanto o retorno ao lar se dava em meio às convivências familiares e aos compromissos religiosos. Ao ser convocada ao exercício da escrita de si, Flávia descreve suas incursões iniciais na matemática como uma “montanha-russa”, cujas oscilações refletiam não a complexidade intrínseca do conteúdo, mas o impacto dos diferentes estilos docentes com os quais colidiu. A metáfora da “montanha-russa” acentua que suas experiências com a matemática foram perpassadas por questões relacionais e afetivas, posteriormente revisitadas na escrita.

O meu primeiro trauma ocorreu no 4º ano. Eu era uma criança extremamente tímida, tinha vergonha e medo de falar em público. A minha professora da época fazia sabatina da tabuada de multiplicação na frente de todos. E adivinha? Além de ser tímida, a professora constantemente me usava como exemplo para os demais alunos, proferindo algumas frases como: “você ainda não sabe? Como pode ser tão burra? Qual o seu problema? Isso que dá não ficar estudando! Você estudou em qual escola antes? Só pode ter sido na pública para não saber nada”. Situações como essa eram constantes em todas as outras disciplinas, mas o que se esperar de uma criança tímida e que sofria abuso psicológico, beirando o físico com uma professora dessa? (Diário Narrativo de Flávia).

A narrativa descortina que as experiências com a matemática escolar produzem efeitos que ultrapassam o domínio do conteúdo, alcançando dimensões identitárias do sujeito em formação. Nessa direção, Jesus e Sá (2020, p. 19) assinalam que “a matemática é uma das disciplinas que mais denotam obstáculos na aprendizagem”, indicando que a forma como o professor conduz o ensino pode ampliar ou atenuar tais experiências. No 6º ano, outra experiência emergiu no diário narrativo de Flávia, batizada de “castigo do monstro”.

Neste ano surgiram as equações de primeiro grau. Elas eram bem legais, mas o professor era extremamente horrível e sem didática. Sempre me questiono se o profissional não enxerga os seus pontos fracos e fortes... Como as licenciaturas não investem em didática e metodologias de ensino... Pois, este trauma é relacionado ao



despreparo do docente para trabalhar com o seu público-alvo. Novamente, a minha família teve um papel fundamental, pois perceberam que eu estava com muitas dificuldades e quase reprovando, assim houve um tempo em que meu pai após chegar do trabalho extremamente cansado, sentava comigo com várias folhas de conteúdo impresso e dizia: “agora eu vou estudar com você e vamos virar craque no assunto”. De forma simples, eu consegui aprender todo o conteúdo e passar de ano. Mas, neste momento há o questionamento: será que eu realmente era ruim em matemática ou era vítima da prática docente de má qualidade? (Diário Narrativo de Flávia).

O diário de Flávia traz reflexões sobre sua trajetória com a matemática, com ênfase nos professores que participaram de seu itinerário escolar. A escrita articula elementos temporais, situacionais e relacionais, remetendo a um período em que práticas pautadas pelo medo da reprovação eram naturalizadas. Em contraste, o ambiente familiar aparece como espaço de acolhimento, com o pai assumindo papel relevante na mediação da aprendizagem.

No que se refere ao exercício do diário, a participante atribui à escrita um papel significativo em seu desenvolvimento profissional, embora tenha hesitado diante do desafio de escrever em primeira pessoa.

Foi uma experiência inovadora que me colocou no papel de refletir sobre as memórias relacionadas ao meu passado com a disciplina e com professores, causando uma espécie de regressão. Houve momentos em que fiquei triste pela falta de profissionais capacitados e que são responsáveis pelas vivências de crianças na escola. Particularmente, creio que se não houvesse professores que me tratassem mal e não me desrespeitassem como criança em desenvolvimento, possivelmente minha afinidade com a disciplina seria diferente nos aspectos cognitivos e afetivos. O diário me ajudou a enxergar que os modos de ensinar matemática são totalmente diferenciados das práticas que vivi no ambiente escolar. Isso me instigou a buscar novos meios de não propagar um ensino tradicionalista. Por isso, considero totalmente relevante este tipo de atividade, principalmente por haver troca de saberes entre os discentes, pois a partir das memórias e relatos dos outros pudemos discutir práticas pedagógicas visando a melhoria educacional (Diário Narrativo de Flávia).

A conduta reflexiva de Flávia aproxima-se do que Zabalza (2004, p. 43) denomina “processo cíclico de criação-revisão”, no qual o sujeito escreve e simultaneamente avalia o que produz. Assim, “o próprio fato de escrever, de escrever sobre a própria prática, leva o professor a aprender por sua narração” (Zabalza, 2004, p. 44). Nesse viés, a escrita converte a experiência vivida em objeto de análise, desencadeando inflexões nas concepções de ensino e ampliando as possibilidades interpretativas sobre a própria trajetória.

Quando passa a atuar como docente em formação, Flávia explicita como sua história narrada repercutiu em sua prática pedagógica durante o Estágio Supervisionado.

A partir dessa experiência com o diário, eu refleti bastante sobre a prática, tanto do professor, quanto do aluno em si, particularmente por ter sido uma aluna com dificuldades, né? Acho que eu tinha pré-conceitos com relação a uma educação boa, porque eu ouvia muitos comentários do tipo: “Ah! Professora boa é aquela que cobra, que é rígida, que fala desse jeito, porque traz resultados”. Só que tudo isso em troca de traumas, né? Fazendo o diário, eu percebi o tipo de profissional que eu não quero ser e o quanto eu tenho que ter cuidado... um cuidado muito, muito sério com o que eu vou falar para as crianças e adolescentes. Como vou tratar suas dificuldades... Isso foi o que mais me pegou nessa atividade. No estágio, atuo com crianças que têm as mesmas dificuldades que eu tive. Eu me coloco no lugar delas porque lembro de mim. Eu também enxergo o lado da professora quando está cansada e às vezes tem que ser mais rígida. (Transcrição da Conversa Narrativa com Flávia).

A conversa revela uma reconfiguração na forma como Flávia concebe a docência, sustentada na articulação entre memória, escrita e reflexão. Experiências antes naturalizadas, como a associação entre rigor docente e qualidade do ensino, tornam-se objeto de problematização. Ao delimitar o tipo de profissional que não deseja ser e ao enfatizar o cuidado na relação com os estudantes, as narrativas da participante evocam a constituição de uma formação que se inscreve também no plano ético.

Ao se colocar no lugar das crianças com as quais atua e, simultaneamente, reconhecer as condições que atravessam o trabalho docente, Flávia passa a elaborar uma compreensão mais complexa da docência, deslocando-se de concepções anteriormente assentadas na associação entre rigidez e qualidade do ensino. As experiências rememoradas no diário e posteriormente revisitadas no estágio supervisionado conduzem à problematização de práticas naturalizadas em sua trajetória escolar, particularmente aquelas marcadas por violência verbal e humilhação. Nesse processo, a participante passa a delinear referências éticas para sua atuação profissional, expressas no cuidado com a fala, na atenção às dificuldades dos estudantes e na recusa em reproduzir práticas que produziram sofrimento em sua escolarização.

As narrativas de Flávia permitem compreender a identidade docente como uma produção contínua, forjada nas relações entre memória, experiência e reflexão sobre a prática. Conforme assinalam Pimenta e Lima (2017), o estágio supervisionado constitui um espaço privilegiado de elaboração da profissionalidade docente, por ensejar a análise crítica das experiências vividas e das formas de inserção no ofício de ensinar. Assim, o diário narrativo desponta como dispositivo formativo que potencializa a reflexividade narrativa e contribui para a invenção de modos outros de ensinar matemática.

3.2 Escrita, memória e a dimensão ética da narrativa na formação docente

Poliane escreve diários desde a infância, mas, para revisitar suas experiências com a matemática, contou com o auxílio da mãe. Sua narrativa apresenta cenas de uma rotina que começava cedo, com aulas no turno matutino, e se estendia por brincadeiras e momentos de alegria em comemorações escolares. Nessas lembranças, a matemática aparece em diferentes situações do cotidiano, como o trajeto até a escola, as brincadeiras, as tarefas domésticas e a marcação do tempo.

Como aluna dos Anos Iniciais, relata dificuldades com a matemática, intensificadas pela ausência de incentivo tanto na família quanto na escola.

Eu comecei a fazer o chamado “reforço” com uma senhora que morava perto da minha casa devido a minha dificuldade com a disciplina. Ela me dava aulas à tarde, pois pela manhã eu estava no Ribeiro da Cunha, uma escola estadual que fica localizada no centro da cidade de Manaus. As aulas de reforço me ajudaram bastante. Eu conseguia fazer atividades básicas de matemática e acompanhar melhor o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, é triste o aluno ter que recorrer a outros meios fora da escola para poder aprender. Entendo que todo auxílio é bem-vindo, porém dessa forma notamos a fragilidade da escola e do ensino público. Não podemos aqui culpabilizar apenas o professor quando todo um sistema acaba sendo falho. Mas, pude perceber que na nossa turma, esse sentimento é generalizado, pois através da dinâmica feita pelo professor no primeiro dia de aula, vimos como as pessoas trouxeram essa dificuldade com a matemática ao longo da vida, criando uma verdadeira aversão à disciplina (Diário Narrativo de Poliane).

O reforço escolar aparece como alternativa diante das dificuldades vivenciadas na aprendizagem matemática, evidenciando limites enfrentados pela escola em garantir condições de acompanhamento aos estudantes (Moura, 2019). Distanciando-se de leituras que atribuem a responsabilidade apenas ao professor, Poliane situa sua experiência em uma realidade permeada por fragilidades estruturais do ensino público. Nessa narrativa, as dificuldades com a matemática não emergem apenas de aspectos instrumentais do ensino, mas das relações construídas com a disciplina.

Em outro momento, expressa a alegria de revisitar as memórias da infância, reencontrando lembranças de episódios que permanecem ativos em seu presente.

Quando eu li essas perguntas, fiquei um dia inteiro pensando em como responder, visto que a minha memória é fraca, talvez por isso meu texto não seja tão longo. Mas, essas perguntas me fizeram refletir de uma forma absurda. Lembrei de coisas que achava que não lembrava mais. Lembrei das escolas que estudei, das pessoas que me ajudaram de alguma forma a chegar até aqui. Obrigada professor por essa experiência que está sendo maravilhosa, para mim então, que amo escrever, está sendo realmente incrível (Diário Narrativo de Poliane).

A narrativa de Poliane enuncia que a escrita de si mobiliza processos de rememoração que permitem revisitar experiências, reencontrar pessoas significativas e atribuir novos sentidos ao vivido. Para Zabalza (2004), essa reflexão integra o trabalho pedagógico com diários não apenas como exercício cognitivo, mas como experiência que possibilita ao sujeito reinterpretar a si mesmo e compor novas percepções acerca de sua vida-formação.

Ao abordar sua experiência com o diário, Poliane introduz questões relacionadas à memória e à dimensão ética da narrativa.

Fazer esse movimento de buscar memórias passadas me fez lembrar de tanta coisa das quais achava que não lembrava, muita coisa mesmo! Pude ter um diálogo com a minha família e até com amigos que me ajudaram a recuperar essas memórias. Enfatizo que não é nada fácil escrever sobre nós mesmos, muito menos sobre algo que não nos marcou positivamente. Esse tipo de escrita já fazia parte do meu dia a dia, mas poder realizá-la na faculdade me ajudou a aprimorá-la e buscar conhecer mais sobre, pois não tinha conhecimento sobre esse tipo de escrita, academicamente falando. Parece fácil escrever sobre nós mesmos, nossas experiências, mas pelo contrário é muito desafiador, nos tira da zona de conforto, pois não tem nada que comprove o que estamos falando, apenas nossas palavras e honestidade estão em jogo, sermos fiéis e leais a nós mesmos, a nossas memórias (o que é mais difícil), pois podemos achar que algo aconteceu quando nunca ocorreu, principalmente quando estamos na fase da infância. Essa atividade acrescentou muito no meu processo de formação profissional, além de trabalhar a escrita acadêmica, eu pude me conhecer melhor e refletir sobre a profissional que quero e posso ser, além da maneira com a qual o professor conduziu os relatos que nos possibilitou interagir com a turma e conhecer suas trajetórias com a matemática (Diário Narrativo de Poliane).

Ao dizer que “apenas nossas palavras e honestidade estão em jogo”, Poliane aponta tensões éticas implicadas na escrita de si, no esforço de narrar experiências mediadas pela memória e pelas interpretações produzidas no presente. A participante salienta a impossibilidade de recuperar integralmente os acontecimentos vividos, posto que, conforme Passeggi e Souza (2017), as narrativas (auto)biográficas não resultam em reconstituições fiéis do passado, mas expõem os sentidos atribuídos às experiências.

As reflexões de Poliane sobre a escrita de si e a memória aparecem outra vez nas conversas narrativas, nas quais manifesta o desejo de levar essa experiência para sua futura atuação docente.

Eu acho que todo mundo deveria viver uma experiência como essa (risos). A gente só teve uma vez que foi na sua disciplina. Acho que deveria ter um pouco mais. Eu até penso em levar pros meus alunos, meus futuros alunos, né? Porque eu acho que escrevendo a gente não só aprende, mas reflete tanto, sabe? Mesmo que a gente não escreva tudo certinho, mesmo que às vezes não tenha tanta coerência, nos ajuda muito (Transcrição da Conversa Narrativa com Poliane).

Ao destacar o potencial reflexivo da escrita de si e manifestar o desejo de levá-la para seus alunos, Poliane sinaliza a incorporação da narrativa como princípio ético e pedagógico da docência. Desse modo, o diário narrativo configura-se como dispositivo formativo que suscita reflexões sobre as experiências com a matemática e sobre os modos pelos quais os sujeitos interpretam suas experiências de formação e constituem referências para a docência.

3.3 Da experiência vivida à construção de referências para ensinar matemática

Maria descreve sua rotina de infância, detalhando horários e atividades diárias, como acordar, ir à escola, assistir televisão e dormir. A rememoração dessas lembranças contou com o auxílio de sua mãe, assim como ocorreu com Poliane, sendo justificada no diário pela maior nitidez das memórias relacionadas ao período do Ensino Médio.

Maria compartilha episódios da Educação Infantil e dos ciclos de alfabetização, situando a aprendizagem em práticas concretas, nas quais atividades pedagógicas e relações entre pessoas participam da constituição de sua experiência escolar.

Ao puxar na memória meus quatro anos na Educação Infantil, lembro que minha relação com a matemática envolvia muitas atividades em livro ou em papel A4, onde eu podia amassar bolinhas de papel crepom e ir colando nas tarefas. Além disso, ao buscar mais ainda no fundo da memória, lembro que a sala tinha um enfeite com a famosa centopeia de números. Durante o 1º ano do Ensino Fundamental, já com meus cinco anos de idade, a memória começa a melhorar. Lembro que normalmente as atividades eram de copiar e quando envolviam a matemática, tinham atividades com desenhos que deveríamos ir contando conforme íamos desenhando e quem terminasse primeiro ganhava um beijo da professora (Diário Narrativo de Maria Alexandre).

As lembranças evocadas inscrevem a matemática em um conjunto de práticas pedagógicas específicas, nas quais o uso de materiais, a repetição de tarefas e as formas de interação com a professora estruturam a experiência escolar. Esses elementos não aparecem de forma isolada, mas articulados a modos de ensinar que passam a constituir referências para conceber o ensino, indicando que a relação com a matemática se constrói em estreita vinculação com as condições em que ela é apresentada ao aluno.

Além das experiências escolares, Maria relata que sua mãe a ajudou a recordar o período em que sua interpretação do Sistema Monetário se baseava na quantidade de moedas. Para ela, quanto maior o número de moedas, maior a sensação de riqueza, o que a levava a preferi-las às cédulas. Essa leitura revela um raciocínio característico da infância, no qual a contagem orienta a percepção do dinheiro, aspecto que dialoga com discussões sobre a distinção entre quantidade e valor no processo de aprendizagem matemática (Tracanella; Bonanno, 2016).

Quanto às dificuldades com a matemática, o 2º ano do Ensino Fundamental aparece como o período mais desafiador diante da introdução das operações de multiplicação e divisão.

Houve um dia em específico onde tinha uma atividade de multiplicação e eu comecei a chorar escondida na sala de aula, pois eu sentia muita dificuldade em entender como fazer o cálculo, além de achar que eu nunca fosse aprender por ser a mais nova da turma; também lembro que os meus dois colegas, David e Fabrício tentavam me ajudar com desenhos, já que eles eram os melhores da turma. Outra situação que me recordo era dos meus pais tentando me ajudar com a tabuada em casa: enquanto meu pai fazia eu decorar a tabuada de multiplicação e me perguntava depois; minha mãe ajudava com a divisão por meio de desenhos com bolinhas. No final dos Anos Iniciais, eu já tinha um melhor domínio, e aprendi um método de calcular a multiplicação com os dedos que me ajuda até hoje (Diário Narrativo de Maria Alexandre).

A narrativa articula dimensões afetivas, cognitivas e relacionais da aprendizagem, reunindo experiências de dificuldade, apoio familiar e colaboração entre pares. O choro escondido em sala, a ajuda dos colegas por meio de desenhos e as estratégias utilizadas pelos pais evidenciam que a aprendizagem não se restringe ao domínio de procedimentos, mas envolve relações, afetos e formas de mediação que participam ativamente da construção do conhecimento. Ao trazer essas experiências para o presente, Maria não apenas recorda o que viveu, mas passa a atribuir novos sentidos a essas vivências, que se tornam referências para pensar o ensinar.

Ao abordar sua experiência com o diário narrativo, Maria expressa surpresa ao encontrar essa proposta no componente curricular de Educação Matemática, destacando sua potência para impactar a formação docente.

Estando no curso de Pedagogia, é comumente aplicável a ideia de que nós devemos sempre nos colocar como professor diante das propostas de cada disciplina. Por muitas vezes, imaginamos como abordariamos as disciplinas as quais nos são repassadas. Em um certo dia, parei para refletir sobre o desenrolar da disciplina de Educação Matemática e pensei o quão genial foi a ideia de se trabalhar com um diário narrativo. Particularmente, eu não consigo pensar em outra maneira de se trabalhar essa disciplina, pois trazer à tona memórias e vivências com a matemática durante a Educação Básica foi a melhor maneira de compreender o sentido dessa disciplina e a forma que ela irá impactar na minha profissão, pois para cada questão respondida, houve uma reflexão que me fez estagnar por um tempo. Em cada memória resgatada eu ia associando com as aulas abordadas e sempre surgiam as mesmas questões: como esse assunto foi desenvolvido comigo e como posso desenvolver isso com meus futuros alunos? Como posso repassar esse ensinamento de modo que seja acessível para as crianças e não traumático como relatado por muitos colegas? O diário veio com a proposta de me fazer lembrar que um dia eu fui a criança que estava no processo de aprendizagem; e que atualmente, estou sendo preparada para contribuir na formação de novas pessoas e ajudá-las a compreender o novo mundo que se constrói diante de seus olhos (Diário Narrativo de Maria Alexandre).

A escrita constitui um espaço no qual a participante articula sua trajetória escolar às decisões que projeta para sua atuação docente. As questões que emergem em sua narrativa — “como esse assunto foi desenvolvido comigo?” e “como posso desenvolver isso com meus futuros alunos?” — indicam uma inflexão importante, na qual a experiência vivida deixa de ocupar o mero lugar de lembrança e passa a ser referência para gestar a prática pedagógica futura. Assim, o vivido, o pensado e o projetado se entrelaçam, sustentando um modo de reflexão que incide diretamente sobre o ensinar matemática.

Essa mesma concepção se faz presente em sua fala durante a conversa narrativa em que revisitamos seu diário.

Não adianta eu querer ensinar o outro se eu não sei como que aconteceu comigo. Como é que eu faço com o outro? É uma relação de empatia que eu acho que escrevi no meu diário [aponta para o texto]. Esse trabalho nos ajudou a lembrar quem eu fui um dia como aluna e quem eu vou ser como professora. Então para mim, apesar de eu ter tido um impacto no início, esse trabalho com diários foi genial. A gente não tem essa abertura para falar de nós durante o curso, não sobre quem fomos, mas quem somos agora, contando uma experiência se já estiver atuando em sala, sabe? “Ah, eu fui na escola e vi tal coisa...” (Transcrição da Conversa Narrativa com Maria Alexandre).

A fala de Maria explicita uma relação de implicação entre sua história como aluna e sua projeção como professora, na qual a experiência vivida fornece base para rascunhar sua prática docente. A ênfase na empatia e na necessidade de compreender o próprio percurso antes de ensinar o outro introduz uma dimensão relacional que amplia a noção da docência, afastando-a de uma perspectiva estritamente técnica. Essa visão aproxima-se de perspectivas que concebem a experiência como resultante da articulação entre o vivido, o interpretado e o projetado (Dewey, 2023), reunindo diferentes temporalidades da formação em um mesmo processo reflexivo.

A experiência de Maria, portanto, evidencia a escrita de si como um dispositivo formativo que atua na constituição de referências para o ensinar matemática. Ao retomar suas vivências e interrogá-las a partir de questões dirigidas à prática docente, a participante constrói critérios, projeta possibilidades e ancora suas escolhas em experiências que foram vividas, pensadas e reelaboradas ao longo de sua trajetória.

4 Considerações Finais

Ao retomar o objetivo deste estudo, que buscou compreender como a escrita de si, mobilizada por meio de diários narrativos, constitui-se como dispositivo formativo na formação inicial de professores que ensinarão matemática, as tramas produzidas a partir das narrativas de Flávia, Poliane e Maria Alexandre convidam ao reconhecimento de que a escrita de si transcende a rememoração ou registro de vivências. Sob essa ótica, materializa-se como um espaço de dignificação da experiência, no qual o sujeito tece sentidos sobre sua trajetória e, ao fazê-lo, compõe modos de compreender a si, o outro e o ensinar matemática.

As narrativas emergentes dos diários e das conversas narrativas nos comunicam que a experiência de escrita de si, em termos formativos, manifesta-se de maneira plural e singular para cada participante. No caso de Flávia, escrever-se figurou como uma abertura para revisitar marcas da escolarização e problematizar as violências físicas e simbólicas vividas, impulsionando o desejo por uma ética da docência aliançada no cuidado com o outro. No de Poliane, a experiência com o diário fez ressoar a dimensão ética da narrativa, ao suscitar questionamentos acerca da memória, da veracidade e da responsabilidade de narrar a própria história, tornando visível que escrever-se implica posicionar-se criticamente diante do que se viveu. Por fim, nas narrativas de Maria Alexandre, a escrita (auto)biográfica enunciou uma articulação intencional entre passado, presente e futuro, convertendo as experiências vividas em aportes para a docência do ensino de matemática nos Anos Iniciais.

Consideradas em conjunto, respeitando suas singularidades, essas tramas abrem clarões para (a)firmar o diário narrativo como dispositivo formativo que promove: (i) o descortinamento de marcas escolares com a matemática, frequentemente silenciadas ou negligenciadas em itinerários formativos de professores; (ii) o gesto ético e artesanal de narrar

a si mesmo, assumindo a autoria e a responsabilidade sobre o que se diz e como se diz; e (iii) a composição inventiva de referências que inspiram a ação docente futura.

No âmbito da Educação Matemática, os lampejos deste estudo reforçam a necessidade de questionar a racionalidade técnica ainda hegemônica na formação de professores, sobretudo quando reduz o formar-se à assimilação de métodos e procedimentos tomados como regras e caminhos de mão única. Na contramão desse modo de conceber a formação docente, as narrativas de Flávia, Poliane e Maria Alexandre lançam luz sobre as relações com a matemática, tecidas por afetos, memórias, interações e modos de mediação que incidem diretamente na aprendizagem e nas futuras práticas docentes.

Diante dessa experiência com o diário narrativo, defendemos a inserção de práticas de escrita de si na formação inicial de professores polivalentes, especialmente em componentes curriculares de Educação Matemática, tradicionalmente associados a uma cultura de rigidez, como forma de criar espaços de escuta, reflexão e produção de sentidos sobre o ser professor que ensinará matemática. Contudo, chamamos atenção para o fato de que essa inserção demanda condições que vão além da simples adoção do diário narrativo, envolvendo a institucionalização de ambientes formativos que valorizem a experiência, a partilha e a escuta sensível como pontes para a constituição docente.

Por fim, assinalamos que este estudo se baliza em um recorte específico, proveniente da singularidade das experiências de três participantes, o que não se ambiciona por generalizações, mas por somar coro às vozes que investigam e militam em torno dos aspectos formativos da escrita de si em cenários de formação docente. Como desdobramentos, assumimos o compromisso com o acompanhamento dos efeitos do dispositivo na trajetória profissional das participantes, bem como com sua adaptabilidade a outros contextos e áreas do conhecimento, na aposta de que a escrita de si abra caminhos para uma formação mais sensível e inventiva.

Referências

AIMI, Deusodete Rita da Silva; MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. Pesquisa narrativa: reflexões sobre produções dos últimos 14 anos. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 11, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/8403>. Acesso em: 15 ago. 2025.

ALARCÃO, Isabel. Ser professor reflexivo. In: ALARCÃO, Isabel (org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Editora Porto. Porto, Portugal, 1996. p. 171-189.

CLANDININ, D. Jean. **Engaging in narrative inquiry**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2013.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CHAVES, Sílvia Nogueira. Da tomada de consciência à invenção de si: uma trajetória na pesquisa narrativa e autobiográfica. In: FEITOSA, Raphael Alves; SILVA, Solonildo Almeida da (org.). **Metodologias emergentes na pesquisa em Ensino de Ciências**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. p. 45-73.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

EULÁLIO, Wane Elayne Soares; SANTOS, Sthefany. Breves reflexões sobre abordagens qualitativa e quanti-qualitativa em educação. **Revista Ciranda**, Montes Claros, v. 9, n. 1, p. 117–135, 2025. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/8042>. Acesso em: 23 mar. 2026.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JESUS, Bárbara Ghesti de; SÁ, Antônio Villar Marques de. **Narrativas de pedagogos que ensinam (e aprendem) Matemática**. Curitiba: Appris, 2020.

MORAIS, Joelson de Sousa; LIMA, Maria Divina Ferreira. A escrita narrativa no processo de (auto)formação do pesquisador educacional. **Revista Iniciação & Formação Docente**, Minas Gerais, v. 7, n. 2, p. 290-309, 2020. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistagepadle/article/view/4463>. Acesso em: 24 fev. 2026.

MORAIS, Joelson de Sousa; NASCIMENTO, Franc-Lane Sousa Carvalho do; LIMA, Maria Divina Ferreira. As escritas de si e os efeitos mobilizadores da formação docente em narrativas (auto)biográficas. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 17, p. 232–247, 2020. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3722>. Acesso em: 24 fev. 2026.

MOURA, Jónata Ferreira. **Pesquisa-formação: marcas, resistências e apropriações reveladas pela escrita de si no processo de formação acadêmica do estudante de Pedagogia que ensina(rá) matemática**. 2019. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2019.

NEGRÃO, Felipe da Costa. Travessias (auto)biográficas na Educação Matemática: o uso do diário com professores em formação inicial. In: NEGRÃO, Felipe da Costa (org.). **Má-temática e Matemáticas: travessias (auto)biográficas de professores em formação inicial**. Belém: RFB, 2024. p. 11-16.

NEGRÃO, Felipe da Costa; ANIC, Cinara Calvi. Aspectos formativos da escrita (auto)biográfica em diários narrativos de futuros professores polivalentes. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 23, n. 37, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/3671>. Acesso em: 10 ago. 2025.

NEGRÃO, Felipe da Costa; GONZAGA, Amarildo Menezes; AZEVEDO, Rosa Oliveira Marins; ANIC, Cinara Calvi. Aprendizagem da docência e formação de professores que ensinam matemática: uma revisão de literatura. **REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, Cuiabá, v. 11, n. 1, p. e23038, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/14854>. Acesso em: 16 mar. 2026.

PANIZ, Catiane Mazocco; FREITAS, Deisi Sangoi. **O uso de diários na formação inicial de professores**. Jundiaí: Paco, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: Esboço de suas configurações no campo educacional. **Revista Investigación Cualitativa**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017. Disponível em: <http://grifars.ce.ufrn.br/publicacao/o-movimento-autobiografico-no-brasil-esboco-de-suas-configuracoes-no-campo-educacional/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

PÉREZ-GÓMEZ, Angel. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 93-114.

PEZZATO, Luciane Maria; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Diários e inventários: dispositivos de escrita implicada em pesquisa e formação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo; CUNHA, Jorge Luiz da. (org.). **Insubordinações epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2024. p. 179-193.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2017.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative analysis**. California: Sage, 1993. (Qualitative Research Methods)

SILVA, Américo Junior Nunes da. **Querido diário... o que revelam as narrativas sobre ludicidade, formação e futura prática do professor que ensina(rá) matemática nos anos iniciais**. 2018. 348 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

SOLIGO, Rosaura Angélica; NOGUEIRA, Eliane Greice Davanço. A experiência de escrita como espaço-tempo de FORMAÇÃO. In: MONTEIRO, Filomena de Arruda; NACARATO, Adair Mendes; FONTOURA, Helena Amaral de. (org.). **Narrativas docentes, memórias e formação**. Curitiba: CRV, 2016. p. 111-121. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica: conhecimentos, experiências e sentidos)

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: Estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A Editora; Salvador: UNEB, 2006.

TRACANELLA, Aline Tafarelo; BONANNO, Aparecida de Lourdes. A construção do conceito de número e suas implicações na aprendizagem das operações matemáticas. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 12., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SBEM, 2016.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Recebido em março de 2026.

Aprovado em junho de 2026.